

SALA
DO TECTO
PINTADO

REVELAÇÕES

O Presépio de Santa Teresa de Carnide



mnaa
Museu Nacional de Arte Antiga



REVELAÇÕES

O Presépio de Santa Teresa de Carnide

10 de Dezembro 2011 – 26 de Fevereiro 2012



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria de Estado da Cultura

imc

INSTITUTO
DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO

mnaa

Museu Nacional de Arte Antiga

- 4 CUMPRIDO MAIS DE UM ANO:
O PROGRAMA
DA «SALA DO TECTO PINTADO»
António Filipe Pimentel
- 10 O «PRESÉPIO DE CARNIDE».
DA CASA DA RECREAÇÃO
AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
Anísio Franco e Celina Bastos
- 32 TESTEMUNHOS DE SILÊNCIO.
DIONÍSIO E ANTÓNIO FERREIRA
NO CICLO DOS PRESÉPIOS
SETECENTISTAS PORTUGUESES
Alexandre Nobre Pais
- 54 UMA APOSTA MUSEOLÓGICA
EM PROL DA AUTENTICIDADE
Agnès Le Gac e Isabel Ângelo
- 76 TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO
E RESTAURO DO «PRESÉPIO DE CARNIDE».
ALGUMAS OBSERVAÇÕES
Elsa Murta e Conceição Ribeiro
- 88 OBRAS EM EXPOSIÇÃO
- 94 FONTES E BIBLIOGRAFIA

CUMPRIDO MAIS
DE UM ANO:
O PROGRAMA DA
«SALA DO TECTO PINTADO»

António Filipe Pimentel

COM A PRESENTE exposição, dedicada à reconstituição (científica e cénica) do presépio do extinto convento carmelita de Santa Teresa de Carnide, cujas peças ingressariam descontextualizadas, como tantas vezes sucederia com o património de origem eclesiástica, no acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, o programa que há mais de um ano se entendeu sediar simbolicamente na designada *Sala do Tecto Pintado* tem já, pode dizer-se, a dimensão estável dos valores fiáveis, singrando com exemplar serenidade pelo seu segundo ano de existência. Assim, inaugurado em inícios do Outono de 2010, com a exposição *Sobre o Trilho da Cor. Para uma rota dos pigmentos* (23 de Setembro a 28 de Novembro), prosseguiria com *Figuras de Género. Presépio e naturalismo em Portugal* (10 de Dezembro a 27 de Fevereiro do ano corrente), *Facciate Dipinte. Os desenhos do Palácio Milesi* (25 de Março a 12 de Junho), *Esplendor Holandês. «O retrato de família» de Pieter de Grebber* (30 de Junho a 11 de Setembro) e *Viagens. O Tesouro da Vidigueira. Lacas Namban e de outras paragens* (21 de Setembro a 27 de Novembro), enquanto, neste início de Dezembro, se abre a mostra *Revelações* – dedicada ao presépio de Carnide – a qual, como é já rotina, haverá de prolongar-se até fins de Fevereiro do ano novo de 2012.

Em companhia de outros tantos catálogos (excepção feita à dupla exposição *Viagens*, que, em razão da sua própria natureza, daria azo a dois, unificados pelo *topos* comum), publicações quase *de bolso*, homogeneizadas no comum grafismo, gémeo da atitude cénica que preside à sucessiva organização da sala (associando a cada edição uma cor simbólica), suceder-se-iam as mostras, sob o *tecto pintado* a que se abrigam, em ritmo pendular, somente entrecortado pelas

necessidades técnicas de desmontagem e montagem. Parece, assim, ser oportuno produzir um balanço do trabalho feito.

Ao desenhar o conceito, idealizara o MNAA materializar um programa expositivo assente numa ideia simples: promover, com ritmo trimestral, um conjunto de mostras onde, mais do que na extensão do discurso expositivo, se apostasse na divulgação de projectos científicos, por assim dizer cirúrgicos, direccionados a temas concretos, originados na investigação que (individualmente ou em rede) nele se desenvolve – e que apoia transversalmente a sua actividade quotidiana – tendo o ponto comum na sua articulação com a valorização do acervo e, por conseguinte, com as áreas de conservação.

Por esse modo se tornava lógico (mesmo que não imperativo) que o respectivo comissariado fosse assumido pelos responsáveis pelas diversas colecções (divulgando o seu labor), do mesmo modo que, colocada a tónica no discurso científico, o espaço físico demonstrativo deixava objectivamente de ser essencial, possibilitando uma declinação do discurso a partir do conjunto das peças consideradas centrais, expostas, com recurso pedagógico às virtualidades fornecidas pelos meios multimédia. Nesse sentido, não somente o respectivo catálogo (o suporte científico) adquiria valor realmente instrumental, como se minimizavam claramente os custos de produção, possibilitando uma expressiva dinamização da programação do Museu e, conseqüentemente, da sua oferta cultural.

Rara sobrevivente explícita da componente vivencial do Palácio Alvor – o embrião donde, em 1884, brotaria o complexo edificado que hoje define o MNAA – com o seu tecto de pintura

perspectivada, a *Sala 41*, por isso designada, na gíria afectiva dos que trabalham na Casa, de *Sala do Tecto Pintado*, afigurou-se, a um tempo por esse *ethos* particular, pela sua prestigiada localização, ser o local azado, mesmo por alguma tradição já sedimentada em tal domínio, para sediar institucionalmente este programa.

Mais de um ano sobre ele cumprido, a *Sala do Tecto Pintado* adquiriu, por seu intermédio, pode dizer-se, a sua vocação tranquila na geografia do MNAA, fidelizando os públicos na fruição das suas exposições: graças, objectivamente, à qualidade cénica e dignidade científica das mostras que aí se sucedem, à regra pendular da sua exibição e, deve dizer-se, à originalidade do modelo – por isso que, seja por meio dos recursos virtuais, seja pela flexibilidade com que, a partir da Sala e da mostra aí concretamente enunciada se mobilizam mais amplos circuitos (com remissão para outros locais ou envolvendo peças da exposição dita permanente e por esse modo convidando à sua revisita), nunca a estreiteza dos limites físicos do seu domicílio confinou ou constrangeu, por qualquer modo, o desenho aí enunciado, de contínuo recriado, na verdade, a cada edição.

Entrado já o segundo ano da sua existência, é, pois, seguramente grato registar uma vitalidade que se exprime mesmo na sua nomeada: por isso que o MNAA não esteve só na sua sedimentação. Exposição a exposição, alargou-se a coroa de parceiros envolvidos, tanto por intermédio da colaboração científica autoral (nacional e internacional), como de centros de investigação, onde é justo reconhecer, pela recorrente disponibilidade, a solidariedade do Departamento de Conservação e Restauro do Instituto dos Museus e da Conservação. E, de

edição em edição, cresce a lista de projectos em apreciação, averbando-se já candidaturas externas ao respectivo comissariado.

Vogando pois com a tranquilidade das boas rotinas, pode dizer-se que o programa da *Sala do Tecto Pintado* cumpriu com exemplaridade a sua missão: dar a conhecer, a quantos procuram o MNAA, o trabalho discreto dos que nele se ocupam e a centralidade do seu acervo de excepção; afirmar a sua condição de museu-referência, a um tempo no plano museográfico e científico; incrementar a sua oferta cultural, fornecendo aos públicos redobrados motivos para a sua contínua revisita. Ao desvendar a sua segunda exposição de Natal, não é um novo nascimento que somos convocados a celebrar: cabe-nos tão só fruir o sabor refinado das coisas que o tempo validou. Para isso afinal serve um Museu.

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

COMISSÁRIO

Anísio Franco

COMISSÁRIA-ADJUNTA

Celina Bastos

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Isabel Ângelo (Departamento de

Conservação e Restauro, Faculdade de

Ciências e Tecnologia, UNL)

Elsa Murta (Departamento de Conservação e Restauro/ IMC)

Conceição Ribeiro, Inês Gomes, Tiago

Dias (BTI, FCT) com a colaboração de:

Cécile Oliveira (estagiária do Mestrado em

Conservação e Restauro, Université Paris 1)

Carina Saraiva, Helena Pereira, Marta

Oliveira, Susana Teixeira, Melissa

Machado (estagiárias do Curso de Mestrado

em Conservação e Restauro, IPT)

Maria do Carmo Oliveira e Raquel

Miserela (RENACOR, FCT)

MONTAGEM

Museu Nacional de Arte Antiga

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

FBA. /Sandra Afonso

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana de Castro Henriques

TEXTOS

Agnès Le Gac (Departamento de

Conservação e Restauro, Faculdade de

Ciências e Tecnologia, UNL)

Alexandre Nobre Pais (Museu Nacional do Azulejo)

Anísio Franco

António Filipe Pimentel

Celina Bastos

Conceição Ribeiro (Departamento de

Conservação e Restauro/ IMC)

Elsa Murta (Departamento de Conservação e Restauro/ IMC)

Isabel Ângelo (Departamento de

Conservação e Restauro, Faculdade de

Ciências e Tecnologia/ UNL)

FOTOGRAFIA

IMC – Laboratório de Conservação

e Restauro José de Figueiredo: Luís

Piorro – cats. 4 a 38 e figs. 9 e 11

DDF/IMC: Luís Pavão – fig. 1; José

Pessoa – figs. 8, 10 e cat. 1 a 3

Arquivo MNAA: figs. 2, 4 a 7, 13

Joshua Benoliel / Imagem cedida pelo

ANTT: fig. 3

© Museo Nacional de Escultura.

Valladolid: fig. 12

Isabel Ângelo e Agnès Le Gac: figs. 14 a 19

Departamento de Conservação e

Restauro, IMC: figs. 20 a 25

APOIO TÉCNICO

Ana Filipa Sousa

Luís Montalvão

DESIGN

FBA.

ISBN

978-972-776-443-3

DEPÓSITO LEGAL

337217/11

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

A. Coelho Dias, S. A.

AGRADECIMENTOS

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Carlos Pires dos Santos

Confraria de São Vicente de Paulo

Fernanda Bento

Hugo d' Araújo

Isabel Moita

Joaquim António Silva Justino

Ramiro Gonçalves

APOIOS:


PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Secretaria de Estado da Cultura

DIRECÇÃO REGIONAL DE CULTURA
DE LISBOA E VALE DO TEJO



AMIGOS
do Arquivo Nacional da Torre do Tombo


LUSITANIA
Grupo Montepio

CIN 

El Corte Inglés